

NERUDA E O MÉXICO: ENCONTROS E DESENCANTOS

Neruda and Mexico: approaches and frustrations

Delson Biondo*

Sobre sua vida e sua poesia

Pablo Neruda foi sem dúvida um poeta precoce. Com apenas treze anos publicou suas primeiras poesias em revistas, lia literatura em língua inglesa e francesa, e chegou inclusive a traduzir vários poemas. Aos quatorze anos, vencendo sua timidez, aproximou-se de Gabriela Mistral. Esta o iniciou na leitura da literatura russa, emprestando-lhe livros que Neruda leu apaixonadamente. Aos quinze anos já se autoproclamava rebelde, havia adquirido o gérmen da política, e atuou como redator, poeta e colaborador permanente da revista *Claridad*, uma publicação síndico-anarquista da juventude revolucionária da época. Aos dezesseis anos obteve seu primeiro reconhecimento literário com o primeiro lugar no concurso poético dos Jogos da Primavera de Temuco. E aos vinte anos, em 1924, já havia publicado seu primeiro livro de sucesso *Veinte*

* Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná

poemas de amor y una canción desesperada, que se transformaria com o passar do tempo na bíblia amorosa de sucessivas gerações de jovens pelo mundo afora.

Ainda adolescente inventou um codinome para ocultar de seu pai, inimigo declarado de poesia e de poetas, a publicação de seus versos. Ao nome Pablo, que sempre havia sido apreciado por ele, acrescentou o sobrenome do escritor tcheco Jan Neruda, que encontrou ao ler uma página de revista ilustrada. Essa nova identidade lhe soava bem: Pablo Neruda. Em princípio pensava ser uma solução provisória que duraria uns poucos meses, porém, trinta e cinco anos mais tarde, legalizaria esse pseudônimo, que iria substituir e apagar para sempre de sua certidão de nascimento seu verdadeiro e solene nome de raízes bíblicas: Ricardo Eliecer Neftalí Reyes Basoalto.

O aspecto de jovem magricela e introvertido de sua mocidade iria pouco a pouco dando lugar a uma fisionomia mais definida, com traços característicos e permanentes. Transformar-se-ia num homem corpulento, de gestos pausados e poucos movimentos, contemplativo e imóvel como um Buda. É interessante notar que sua habitual lentidão estava em evidente contraste com a energia, o calor e a dinâmica de seus versos. Também chamavam a atenção o seu rosto redondo, seu nariz volumoso, suas sobrancelhas espessas, mas sobretudo seus olhos, pequenos e entreabertos, que lhe davam a impressão de estar sempre dormindo. Esse olhar sonolento, em permanente estado de ausência, e esse rosto desmotivado, com uma expressão de completo desinteresse pelas coisas ao seu redor, ocultavam, na verdade, uma forma muito especial de ver e interpretar o mundo, um modo diferente e particular de apreender a experiência vivida para mais tarde plasmar seus sentimentos em palavras.

Neruda ambicionava, desde a juventude, seguir um caminho que lhe garantisse uma vida sossegada e atraente, com um ambiente propício para criar suas poesias, mas principalmente uma profissão com a qual pudesse realizar seu imenso desejo de conhecer o mundo. Logo percebeu que como escritor ou professor suas chances eram mínimas. De qualquer maneira precisava partir, abandonar sua vida provinciana e miserável, como ele mesmo havia dito, rebelar-se contra aquele ambiente medíocre e mesquinho em que vivia, cheio de incompreensões e preconceitos. Conseguiu fazer, então, com que o nomeassem cômulo honorário em Rangum, capital da Birmânia, para onde partiu com a cabeça cheia de sonhos. Sonhos que a violenta realidade trataria de destruir logo após os primeiros contatos com aquelas culturas exóticas e inacessíveis, aqueles territórios inóspitos e praticamente desconhecidos do Oriente: Ceilão, Java e Cingapura.

Sua rotina de trabalho consistia em ajudar por breves períodos um ou outro capitão de barco chileno, colocar visto em algum passaporte e eventualmente participar de celebrações sociais. O restante do seu interminável tempo de ócio despendia visitando templos, observando mercados populares, escrevendo cartas e lendo toda a literatura que lhe caía nas mãos. Sua poesia dessa época, representada fundamentalmente pelo livro *Residencia en la Tierra*, será uma tentativa dolorosa de registrar em versos esse mundo atrasado e misterioso do qual era agora um prisioneiro. Os poemas dessa fase solitária estão contaminados por melancolia e hermetismo, angústia e desintegração, tristeza e obscuridade, por um sentimento apocalíptico e um mergulho na desolação.¹

Após cinco anos de exílio voluntário no Oriente, retornaria ao Chile para logo em seguida empreender novas viagens. Exerceria o cargo de cônsul em Buenos Aires, em Barcelona, em Madrid, em Paris e finalmente na capital do México. Desta vez, porém, suas responsabilidades consulares iriam transcender as atividades meramente burocráticas. Na Argentina conheceu e travou uma grande amizade com Federico García Lorca, na Espanha viu-se frente a frente com uma monstruosa tragédia popular que transformaria completamente sua vida: a Guerra Civil Espanhola, em Paris articulou a retirada de mais de 3. refugiados espanhóis que se encontravam nos campos de concentração no sul da França, embarcando-os para o Chile a bordo de um grande barco chamado *Winnipeg*, e no México dedicaria muito do seu tempo ajudando emigrantes do regime franquista.

Mas definitivamente pode-se dizer que Neruda não havia sido talhado para ser um diplomático de carreira. Não possuía nenhum sentido do protocolo e gostava de se divertir sempre que conseguia desacatá-lo. Permaneceu no cargo em grande parte graças ao seu carisma e sua personalidade sedutora, que cativava funcionários e mantinha satisfeitos os seus protetores dentro do Ministério de Relações Exteriores do Chile.

Com o passar dos anos, aquele rapaz silencioso e taciturno da juventude foi se transformando em um homem extremamente comunicativo, simpático e sociável. Neruda era como um ímã para atrair as pessoas. Sua casa estava quase sempre repleta de gente, sentada ou em pé: companheiros políticos, poetas, jornalistas, artistas, convidados ilustres ou simples curiosos que vinham para uma rápida visita ou para longas estadas. Era comum que a mesa de sua casa estivesse constantemente posta para receber quinze ou até vinte pessoas durante o almoço.

1 ALONSO, Amado. *Poesía y estilo de Pablo Neruda*. Buenos Aires: Losada, 1940.

Ao seu redor formava-se uma espécie de corte: de um lado havia os adoradores da sua poesia, intelectuais com as mesmas afinidades artísticas e literárias e, do outro, havia aqueles que sentiam uma fascinação de natureza ideológica pela sua pessoa, interessados apenas em suas peripécias políticas. Mas no fundo era o poeta quem mais se alimentava desse convívio social. Era ele que precisava criar à sua volta um ambiente favorável toda vez que chegasse a algum lugar, estabelecer a sua irmandade, a sua confraria, estar entre amigos.

Era um poeta casamenteiro. Gostava de se intrometer nos segredos alheios e lançar suas flechas de Cupido nos corações solitários. Sentia-se imensamente feliz quando conseguia unir ou casar duas pessoas. E quando falhava em sua tentativa de patrocinar namoros e agenciar matrimônios, alegrava-se batizando os filhos dos seus amigos.

Como escritor, sua rotina era bastante rígida. Sentava-se à escrivaninha às sete da manhã e trabalhava até o meio dia não importando o clima: com chuva ou com sol, no frio ou no calor, com inspiração ou sem inspiração, porque, como ele costumava dizer, assim como o apetite vem quando se come, a inspiração nasce quando se trabalha. À sua frente, um grande caderno de folhas brancas e sem pautas e uma caneta com tinta verde, sua cor preferida.² Eram somente esses os instrumentos visíveis do poeta operário. Após o almoço fazia uma pausa das duas às cinco para descansar. Esse repouso era sagrado e obrigatório. Ao entardecer recebia os amigos, com os quais mantinha longas conversações. E mesmo dormindo tarde, no dia seguinte sempre acordava disposto a retomar seu misterioso trabalho matinal.

Neruda possuía um grande sentido do humor: zombava de si mesmo, dos seus amigos, das suas piadas, de quase tudo. Parece que suas relações pessoais se guiavam pelo bom humor: se Neruda não encontrasse nenhuma característica engraçada em alguém, podia perder completamente o interesse por essa pessoa, por outro lado, parecia se entender melhor com indivíduos bem-humorados. Tinha uma memória prodigiosa e muita facilidade para recordar e inventar histórias divertidas. Podia passar uma noite inteira relembando contos, um após o outro, e toda vez que os repetia, gostava de acrescentar um detalhe novo ou um elemento diferente. Essa atitude gozadora e pueril também está presente em muitos dos seus versos, porque Neruda foi, antes de tudo, um entusiasta da vida, um notável apreciador da alegria.

No entanto, quando recitava seus poemas em público, ele o fazia em um tom completamente diferente: com sua voz fanhosa e arrastada, imprimia um ritmo monótono e tristonho às suas declamações - sem grandes inflexões de voz

2 TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 2000. p. 436.

- como se estivesse entoando um salmo, como se soluçasse. Não gostava muito de ler suas poesias antigas, mas sim as que havia acabado de escrever. Alguns amigos e estudiosos de sua obra perceberam uma semelhança entre esse seu modo estranho de declamar e os ruídos do oceano: um permanente e monótono ir e vir de ondas, uma cadência repetitiva, quebrada, às vezes, pelo barulho do vento ou pelo estrondo das águas.³ Assim são os versos de Neruda: normalmente escritos sem rima, sem uma metrificação rígida, com estrofes irregulares que vão sucedendo-se livremente umas às outras da mesma forma que as ondas do mar, como a mesma fluidez das águas. Sempre igual e sempre diferente.

Sua ligação com o mundo marinho era muito profunda, o próprio Neruda parecia ser oceânico. Encontrava-se em constante movimento, indo e vindo, conhecendo e comparando países e sistemas políticos, partindo, mas sempre regressando. Sua vida esteve repleta de oscilações entre acontecimentos tempestuosos e momentos de calma. Foi um exímio especialista e conhecedor de moluscos de todas as espécies e um colecionador extravagante de conchas marinhas e outros objetos insólitos, quase todos relacionados com o mar. Esse costume de colecionar artefatos excêntricos também influenciou sua poesia, pois Neruda tinha o hábito de realizar extensas e minuciosas enumerações em muitos dos seus versos.

Era fascinado pelas viagens em grandes navios, principalmente as longas travessias, porque em cada uma delas aproveitava o tempo a bordo para escrever um novo livro. Amava a sua pátria, mas ao viajar pelo mundo ia se apaixonando por outras culturas e outros povos. Dedicou poemas a cada um dos lugares que conheceu. Viu nascer várias edições de seus livros graças ao esforço de mãos estrangeiras. No exterior foi premiado, homenageado, festejado, protegido, perseguido e agredido. Por isso, às vezes preferia viajar sem mover-se de sua casa, sem abandonar o seu país, sem afastar-se das coisas que amava. Porque, como disse acertadamente Emir Rodríguez Monegal, a maior e mais importante viagem do poeta foi aquela que ele realizou para dentro de si mesmo, uma viagem imóvel às profundezas de sua infância, sua juventude, suas paixões, suas lutas, suas raízes e seus sonhos.⁴

Neruda foi um escritor eminentemente autobiográfico, seja escrevendo em verso ou em prosa, suas páginas encerram um mesmo desejo, uma imutável tentativa: a de contar a sua vida. Porém, não pretendeu contá-la de uma maneira

3 REVISTA AMÉRICA LATINA: estudios de científicos soviéticos (6). *Pablo Neruda: poeta y combatiente*. 2. ed. Moscú: Academia de Ciencias Sociales Contemporáneas, 1984.

4 RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *El viajero inmóvil*. Introducción a Pablo Neruda. Buenos Aires: Losada, 1966. p. 331-332.

linear e objetiva, como também jamais alcançou contá-la por inteiro. Ao fazê-lo, o poeta foi cifrando algumas experiências, foi ocultando alguns nomes, codificando espaços, camuflando situações, revelando-se aos poucos e realizando diferentes leituras do passado, às vezes com grandes lacunas, que iam sendo preenchidas pela imaginação e pelo sentimento.

Sempre teve um temperamento boêmio, talvez por isso gostasse tanto de festas e fosse um grande apreciador de comidas e bebidas. Quase não escutava música por vontade própria, com exceção da música folclórica, e talvez até pudesse viver sem ela, mas gostava de dançar. Fumava cachimbo e, como era de se esperar, também os colecionava. Bebia bastante, sobretudo vinho, mas aparentemente o álcool não lhe causava problemas, apenas o deixava mais alegre. Tomava chá preto várias vezes ao dia, mas não bebia café. As festas que celebrava eram normalmente preparadas com muita antecipação e na maioria das vezes transformavam-se em verdadeiras orgias gastronômicas, qualquer reunião era desculpa para se fazer um banquete. Neruda era um cozinheiro amador e se divertia buscando comidas especiais, imaginando pratos e sobremesas. Chegou a transformar receitas culinárias em versos e a escrever - em parceria com o escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias - um ensaio gastronômico que recebeu o apetitoso nome de *Comiendo en Hungría*.

Porém, um dos caprichos que mais me chamam a atenção foi o seu gosto pelas máscaras, fantasias e disfarces. Nas grandes festas entre amigos, irrompia de repente vestido de general, de bombeiro ou de declamador grego. Possuía um baú cheio de roupas carnavalescas de onde retirava fantasias que ia distribuindo aos convidados mais tímidos. Essa sua personalidade teatral pode nos ajudar a entender melhor as constantes referências a si mesmo dentro de seus textos. Não podemos confundir o escritor e o cidadão Pablo Neruda com as máscaras criadas por ele. Todos aqueles rostos, nomes e personagens que freqüentemente assomam em seus versos fazem parte de um jogo ficcional e devem ser interpretados dentro do âmbito da literatura, ou seja, como uma invenção criativa e não como um retrato fiel da realidade.⁵ É um jogo que o Neruda escritor propõe aos seus leitores; algo muito semelhante ao que acontece no teatro, onde tudo o que assistimos é uma realidade possível, mas ainda não é a realidade. Acredito que era desta forma que ele se divertia: elaborando essa artimanha de uma maneira muito consciente, muito bem planejada, para ocultar as coisas e a si mesmo atrás de muitos disfarces.

5 Para uma discussão mais aprofundada desse tema ver: www.cervantesvirtual.com/pneruda/MesaRedonda.htm

Numa entrevista recente, Volodia Teitelboim, um dos seus mais importantes biógrafos, afirma que Neruda foi um poeta de cinco faces distintas: o poeta do amor, o poeta da natureza, o poeta das coisas, o poeta construtor e finalmente o poeta político.⁶ Proponho-me, portanto, a partir de agora, tentar reconstruir esses diferentes personagens.

Neruda casou-se três vezes, obedecendo a três impulsos diferentes. Com a primeira, por equívoco, para suprir sua carência sexual e fugir da solidão. Com a segunda, por paixão e por necessidade de proteção e de formação – com uma mulher aproximadamente dezessete anos mais velha que ele –, e com a terceira, por amor e por identificação. Delia del Carril, sua segunda esposa, foi a professora, a formadora, a educadora, a comunista. Quando se separaram, o círculo de amizades do poeta partiu-se em dois: várias amigas comunistas preferiram manter-se fiéis a Delia e não a Neruda. Matilde Urrutia, sua última esposa, foi a sedutora, a musa, a discípula fiel, a companheira soldado construída por Neruda, com ela viveu uma relação clandestina de oito anos antes de se casarem.

Neruda soube ser leal às duas, mas nunca lhes foi completamente fiel, porque no fundo era um epicurista, um sedutor compulsivo, machista em seus impulsos, incapaz de resistir a uma insinuação feminina. Adorava conversar com as mulheres e tentar desvendar os seus segredos. Sua poesia está repleta de denominações apócrifas e nomes simbólicos de mulheres amadas por ele. Não seria incorreto dizer que toda a sua obra se assemelha a uma espécie de hino ao amor. Quando cumpriu cinquenta anos declarou: “O amor ocupou minha poesia totalmente”.⁷ No entanto, se no princípio o poeta se dedicou a cantar apenas o amor entre um homem e uma mulher, com o passar do tempo ele começou a cantar, também, o amor pela pátria, o amor à amizade, o amor à natureza, o amor fraterno, o amor por toda a humanidade, ou seja, quase todo tipo de amor.

Talvez Neruda tenha sido um dos primeiros ecologistas do mundo, porque como ninguém ele defendeu e cantou o seu amor à natureza. Seu vasto conhecimento sobre a fauna terrestre e a marinha, sobre a botânica e a geografia dos países, provinha de observações sérias, de leituras abundantes e incessantes estudos. Não eram conceitos abstratos ou invencionices poéticas. Amava verdadeiramente os animais, e mantinha uma comunhão misteriosa com os cachorros, os pássaros e os cavalos. Considerava-se um poeta ornitólogo, porque sempre contemplou, estudou e admirou as aves. Escreveu um livro inteiro

6 TEITELBOIM, Volodia. *Neruda Íntimo II*. Disponível em: <www.lasegunda.com> Acesso em: 14 nov. 2003. p. 10-12.

7 TEITELBOIM, op. cit., 2000, p. 376.

dedicado a esses seres, *Arte de Pájaros* (1966), e em certa ocasião revelou um segredo: era meio pássaro porque possuía asas na alma.

Mas também foi o poeta das coisas. Podia ficar horas inteiras contemplando objetos: imerso na apreciação dos detalhes, curioso a respeito dos seus mistérios e extasiado na elucidação dos seus enigmas. Dedicou praticamente um ciclo inteiro de sua obra a cantar as coisas mais singelas, perseguindo a simplicidade, a nitidez e a luminosidade. Com o seu livro *Odas elementales* (1954) inaugurou a sua poética da claridade. Por meio dela, o escritor ambicionava produzir nos leitores um sentimento de comunidade e de fraternidade usando apenas a clareza de pensamento e a simplicidade de estilo. Seus poemas passaram a ter um lirismo acessível a todos, transformaram-se num recurso didático que ensina o leitor a apreciar a beleza nas coisas mais simples e o ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos.

A partir da admiração dos objetos, nasceu o poeta construtor. Neruda gostava de construir, na acepção mais ampla da palavra. Primeiro dedicou-se a colecionar coisas, a construir coleções, com muita paciência e dedicação. Logo percebeu que elas precisavam ser guardadas em algum lugar, e então começou a construir casas, com pouco dinheiro, mas muita determinação. Quando finalmente estavam prontas, o que podia demorar vários anos, colocava dentro delas tudo o que havia colecionado pelo mundo afora. Nunca possuiu nenhum talento matemático, sempre foi um fracasso com os números, mas desde a infância percebeu que era um gênio das letras, portanto, dedicou-se a construir poemas. Nessa área, o seu talento de construtor é inegável. Ele tinha o dom de construir metáforas, de unir organicamente duas palavras que, antes dele, jamais tinham sido aproximadas. Pegava um substantivo e um adjetivo e fazia uma combinação inverossímil, soldava, cimentava, amalgamava, e, dessa construção alquímica, irradiava um novo elemento: a poesia.

Mas seus poemas eram como pequenas criaturas que precisavam de um ambiente propício para sobreviver e, por isso, Neruda também resolveu construir livros. Rodríguez Monegal percebeu que o impulso inicial do poeta era sempre o de escrever um livro, antes mesmo de escrever seus poemas, porque Neruda pensava constantemente numa unidade maior, no fechamento de um ciclo.⁸ Entretanto, muitas das suas idéias e projetos não podiam esperar a finalização de uma etapa poética, precisavam ser divulgadas imediatamente, por isso Neruda também começou a construir revistas. E assim foi o nosso poeta: construindo e reconstruindo tudo o que precisava, inclusive as suas memórias. E quando

8 RODRÍGUEZ MONEGAL, op. cit., p. 181.

parecia não haver mais nada a ser construído, eis que Neruda surpreende a todos com a sua construção mais ambiciosa: a construção de si mesmo. Durante toda a sua vida trabalhou de maneira sábia e diligente na construção de sua imagem: a do poeta aclamado, a do intelectual respeitado, a do senador comunista e a do porta-voz dos oprimidos.

Finalmente chegamos ao seu quinto e mais famoso personagem: o poeta político. Como político, Neruda foi antes de tudo um visionário, tinha uma sensibilidade profética, capturava a verdade das coisas antes de todos porque estava em uma assombrosa simbiose com a humanidade e sua história. Pressentia muitas das tragédias que se abateriam sobre os homens de sua época e as interpretava com seu coração de poeta. Foi assim, por exemplo, ao vaticinar em altos brados os horrores de uma guerra, no doloroso livro *España en el corazón* (1937), ao prever as desgraças da bomba atômica antes mesmo de ser lançada, ao intuir com clareza o plano que se organizava nas sombras para derrubar Allende, e ao pressagiar o terror da ditadura que cairia sobre o seu país com as derradeiras palavras que teria dito antes de morrer: “Los están fusilando, los están matando”.⁹

Essas atitudes incomodavam seus inimigos e detratores, que viam em Neruda apenas um arauto das desgraças, um algoz dos traidores, uma espécie de Cassandra desesperada das Américas clamando por justiça. E que bela classe de inimigos ele possuía: poetas invejosos, críticos mordazes, presidentes injuriados, adversários políticos, fascistas e conservadores de todas as espécies. Mas hoje, ao olharmos o passado com a tranqüilidade de simples expectadores da História, podemos divisar claramente que por trás daquelas atitudes apaixonadas havia na verdade um poeta participante que, com sua voz e seus versos, queria proteger a dignidade humana, lutar contra a opressão e, sobretudo, defender a paz no mundo.

Pablo Neruda ingressou oficialmente no Partido Comunista do Chile no dia 8 de julho de 1945, aos quarenta e um anos de idade. Mas pelo menos dez anos antes ele já havia percebido que os comunistas representavam “a grande força revolucionária capaz de transformar o Velho Mundo capitalista e construir uma sociedade justa”.¹⁰ Infelizmente, ao poeta lhe tocou viver numa época cheia de incertezas, guerras, tiranias, perseguições e privações de liberdade. Mas felizmente foi também uma época em que os jovens, intelectuais e artistas, na sua maioria, ainda possuíam uma porta aberta, uma opção de vida, uma ideologia

9 TEITELBOM, op. cit., p. 492.

10 Ibid., p. 278.

a seguir: o impetuoso e pujante caminho da militância política. Talvez muitos jovens de hoje, confortavelmente instalados em suas casas e livres em seus atos e idéias, não consigam compreender as conseqüências terríveis que aquela escolha poderia acarretar aos militantes políticos de países não-democráticos: o silêncio, a tortura, o exílio ou a morte. Mas, por outra parte, valia a pena correr esse risco porque, embora os resultados fossem incertos, os objetivos eram inegavelmente nobres: usar as palavras para transformar a sociedade, combater o obscurantismo, batalhar a favor da liberdade de expressão e em defesa da vida e da paz, realizar o sonho de um mundo melhor para todos.

Foi com esse espírito idealista e de luta que Neruda escreveu, ao longo de 1948 e 1949, um grande manifesto americano, a maior epopéia do século XX, seu *Canto General*. Para ele nada deveria ser desprezado, tudo poderia ser material poético, inclusive os temas épicos. O poeta não se envergonharia de ser um cronista de sua época, de revelar as atrocidades históricas, de desmascarar a realidade política, de empunhar seus versos como bandeiras, de conduzir os povos americanos como um general em luta e de testemunhar o nascimento tardio de uma América sufocada pelo atraso e pela fome. Escreveu sob a influência da indignação e da cólera, mas principalmente da urgência em incriminar os responsáveis. Nada poderia detê-lo: nem o assédio da polícia, nem seu exílio forçado, porque desde a sua campanha como senador - da qual saiu vitorioso, quando substituiu seus discursos políticos por versos porque não sabia improvisar - passou a acreditar no poder persuasivo da poesia frente às massas.

Como bem disse Luis Corvalán em 1971 num jornal chileno “Neruda escreveu poesia de amor para o seu povo e poesia de fogo contra o seu inimigo”.¹¹ Mas talvez essa poesia de fogo e essa inevitável paixão política tenham afastado muitos leitores de sua obra e tenham feito de Neruda um escritor difícil de ser aceito. O certo é que a política nunca foi um impedimento para que ele continuasse escrevendo poesia íntima. Pelo contrário, quanto mais entranhado em suas preocupações e afazeres políticos, mais poesia sentimental ele criava, e também começava a desbravar novos caminhos como escritor, enveredando-se por outros gêneros literários que nunca antes tinha ousado experimentar, como os discursos, o memorial em prosa e até mesmo a dramaturgia, com a publicação de sua única peça teatral *Fulgor y Muerte de Joaquín Murieta* (1967).

Neruda nunca teve muita simpatia pela crítica especializada, e pode-se até mesmo dizer que não acreditava muito em teorias estéticas e literárias, porque para ele os especialistas e suas análises representavam, na maioria das vezes, uma agressão à poesia. Porém, apesar de ter sido eclético em relação às

11 Ibid., p. 462.

tendências e movimentos artísticos da época, chegou a propor uma teoria poética e a tecer diversos comentários e apreciações críticas sobre sua própria obra. Em seu famoso manifesto intitulado *Sobre una poesía sin pureza*, que publicou em Madrid em 1935, Neruda defendia um projeto estético que iria dividir em dois campos opostos o mundo dos poetas: por um lado, acusou aqueles que escreviam uma poesia de caráter racional e formal, uma poesia elaborada com rigor, lucidez, elegância e clareza, ou seja, uma poesia limpa e purista; por outro lado, advogou em favor de escritores que, como ele, escreviam uma poesia apaixonada, repleta de sonhos, sensações e magia, uma poesia que expressava a totalidade dos contrastes da vida e do subconsciente, que não excluía nada, uma literatura sem recato e sem pureza. Alguns críticos viram nesse projeto nada mais que a defesa de uma teoria caótica, e talvez estivessem certos, porque ao contrário de outros escritores mais cerebrais, que procuravam dizer o máximo com o mínimo de palavras, Neruda fazia o oposto, sabia extrair do caos verbal, da efervescência dos sentimentos e do turbilhão da inconsciência os elementos que geravam a poesia.

Ele também tinha uma visão muito particular da vida, do tempo e da morte. Por isso, encontraremos espalhada pela sua obra uma busca ansiosa por respostas e um convite a uma reflexão filosófica sobre o destino do homem, os caprichos do tempo, o ciclo da morte, do nascimento e da vida. Acreditava que a partir da existência de um nó central, ou um ponto fixo, entrelaçado a todos os outros pontos, a vida pudesse se desenvolver como uma espiral contínua que se afasta e se aproxima de todas as coisas. Segundo ele, cada livro seu foi parte de uma mesma ambição: a tentativa de desenvolver uma poesia cíclica que pudesse, a partir de um único ponto, estender-se numa vastidão temática infinita e fundir experiências do passado com projetos do futuro, começo e fim, existência e morte, ou seja, o desejo de criar um canto universal e inesgotável que trouxesse unidade ao mundo que ele pretendia expressar.

Acredito, da mesma forma que outros admiradores de sua obra, que Neruda estava em uma sintonia profunda com o homem e os acontecimentos do século XX, e que por isso interpretou tão bem todas as contradições e sentimentos humanos, no que eles têm de melhor e de pior. Aos sessenta e cinco anos, numa entrevista concedida a um jornal de Santiago, ele disse as seguintes palavras: “Não se pode ser feliz se não se luta pela felicidade dos demais. Nunca se pode abandonar o remorso de termos algo se os demais não o tiverem. O homem não pode ser uma ilha feliz. Essa não é toda a minha filosofia, naturalmente, mas é o mais importante dela”.¹² Neruda se solidarizou com os humildes e com os que amam, foi o porta-voz de esperanças alheias e próprias e em seus versos

12 Ibid., p. 436.

guardou mensagens sutis para todos os que deles se aproximam com o coração aberto. Mas ao escrever a sua obra o poeta também se perdeu e se encontrou, e ao emprendermos, como leitores, uma busca ansiosa por saber quem ele era, acabamos descobrindo que essa procura é, na verdade, uma busca por saber quem somos todos nós. Por esse motivo creio que sua poesia ainda continua falando ao leitor e permanecerá viva e desafiadora por muitas gerações.

Neruda entre os mexicanos

Em 1940, com 36 anos de idade, Neruda estava no auge de sua produção intelectual e artística. A trajetória diplomática bem sucedida o deixava em condições de escolher o país de sua preferência na hora de cumprir funções consulares. Com a Europa submersa no caos e no horror da Segunda Guerra Mundial, assolada pelos regimes fascistas que dominavam a Espanha, a Alemanha e a Itália, Pablo preferiu optar por um país latino-americano que há muito ansiava conhecer: o México. Permaneceria entre os mexicanos durante três anos como Cônsul Geral do Chile.

Que tipo de influência o México exerceu sobre a vida e a poesia de Neruda? A que atividades se dedicou e quais foram os acontecimentos mais marcantes durante sua permanência naquele país? O que representou de fato sua convivência tão estreita com a cultura mexicana? São essas as perguntas sobre as quais me proponho refletir a partir de agora.

Embora Neruda tivesse se imposto o hábito de escrever no período matinal, e que, com o passar dos anos, transformar-se-ia num costume perene, a verdade é que o poeta não limitava seu ímpeto artístico. Qualquer que fosse o lugar: no navio, no carro, no avião, no trem, numa mesinha improvisada, no restaurante, nos fundos da casa, às margens de um rio ou na cama, todo lugar era um bom lugar para atender os chamados da inspiração. Por isso, acredito que sua maneira impulsiva de escrever não tenha sido abalada nem modificada pelo fato de se encontrar no México. Mas, por outro lado, foi nesse país que Pablo descobriu uma maneira inovadora de divulgar sua produção poética.

Naquela época o México já era, há mais de vinte anos, o palco de um grande fenômeno artístico denominado “muralismo mexicano”, um tipo de arte plástica de caráter social que procurava representar e celebrar os ideais da Revolução Mexicana, exaltando as classes oprimidas e transmitindo uma mensagem de compromisso com a história, a cultura, a arte e o sentir

revolucionário. Os pintores usavam imensos painéis, tetos, paredes e murais para retratar cenas realistas de lutas e batalhas, às quais incorporavam gigantescas imagens figurativas de camponeses, soldados e operários mexicanos. Entre os principais precursores dessa manifestação estavam três pintores mundialmente conhecidos: José Clemente Orozco, Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros.

Ao ver que esses artistas popularizavam a arte plástica utilizando as paredes como veículos de suas imagens, Pablo Neruda começou a popularizar a literatura utilizando os muros da cidade como meio de divulgação de seus poemas e suas idéias. Por exemplo, em 1942, quando a Alemanha invadiu a Rússia, o poeta saiu imediatamente em defesa da causa aliada escrevendo seu famoso *Canto a Stalingrado*. O poema foi lido no Teatro do Sindicato dos Eletricistas, e no dia seguinte, o texto, reproduzido em cartazes, espalhou-se por todos os muros da capital mexicana. Imediatamente alguns jornais protestaram: um poeta não podia utilizar a rua para divulgar poesia política. Surgiu, então, uma acirrada polêmica nos jornais. Mas Neruda não se abalou e como resposta aos seus opositores escreveu, e colou novamente em todos os muros, seu *Nuevo canto de amor a Stalingrado*, que era mais um chamamento pela solidariedade de todos em favor da União Soviética.

A associação entre literatura e artes plásticas só se completaria totalmente quase dez anos depois desse acontecimento, quando Neruda, de volta ao México, solicitaria aos três gigantes do muralismo mexicano desenhos para ilustrar a primeira edição do seu livro *Canto General* em 1949. Com o falecimento de Orozco, somente Rivera e Siqueiros entregariam as litografias. O artista da palavra e os artistas da pintura - que, apesar das diferenças, compartilhavam ideologias e militâncias políticas - juntariam seus esforços em prol da realização do ideal bolivariano, unindo nações latino-americanas através da arte, utilizando suas vozes para representar aqueles que não têm voz, atuando como mensageiros do povo. Para diversos críticos mexicanos, Neruda conseguiu realizar com sua caneta o que os muralistas realizaram com seus pincéis: duas manifestações artísticas monumentais criadas a partir do amor pelo continente americano.¹³

Quando o pintor Alfaro Siqueiros foi preso pelo governo do seu país sob a acusação de participar de um atentado contra a vida de Trotski (que na época se encontrava exilado no México), Neruda alçou sua voz e sua poesia em defesa do amigo muralista e a favor da liberdade de pensamento: “O México está preso com você”, escreveria, e um poema seu intitulado “A Siqueiros” foi reproduzido em panfletos e cartazes e novamente colado nos muros da cidade. Ao deixar a

13 AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Santiago de Chile: Zigzag, 1967. p. 246-247.

prisão, o pintor seria mais uma vez ajudado pelo cônsul Pablo Neruda, que - sem uma autorização prévia do Ministério de Relações Exteriores chileno - concedeu por sua conta e risco um visto para que Siqueiros e sua mulher pudessem abandonar o México e entrar no Chile.

O governo chileno considerou essa atitude um ato de indisciplina e resolveu punir o seu cônsul geral, suspendendo-o por dois meses de suas funções diplomáticas e deixando-o sem salário por um mês. Indignado com essa represália, Neruda decidiu realizar uma viagem de automóvel à Guatemala, apresentando-se umas férias de dois meses. Nesse passeio teve a oportunidade de apreciar novos contrastes culturais, conhecer a mata atlântica, as belezas geográficas da América Central e iniciar uma longa e fraterna amizade com o escritor Miguel Ángel Asturias.

Seu namoro com o muralismo mexicano revela que uma transformação mais profunda estava ocorrendo em sua personalidade. No México, sua poesia e suas ações políticas tornar-se-iam cada vez mais engajadas. Aliar-se-ia à esquerda comunista por entender que esta era o único poder capaz de se opor ao avanço do nazismo. O que havia começado como uma trágica experiência durante a Guerra Civil Espanhola se transformaria agora em atividade permanente, pois intensificaria suas lutas pela solidariedade antifascista. Além disso, a estreita convivência com os mexicanos levaria Neruda a assumir um compromisso com o mundo mestiço e indígena e com a concepção mexicana do homem e do universo, idéias que precisavam ser conhecidas e valorizadas. Iniciou então um projeto para divulgar a imagem de seu país no México. Fundou uma incitante revista intitulada *Araucanía* e na capa estampou com orgulho uma imagem que representava as raízes do povo chileno: a foto de uma sorridente índia araucana. Porém, em vez de elogios, recebeu uma nova represália do Ministério, que exigia a mudança do título ou a suspensão imediata da publicação. O motivo era simples: o Presidente chileno não queria que os mexicanos pensassem que o Chile é um país de índios.

No México viveria dias espinhosos, mas também dias floridos, porque apesar dos momentos difíceis que lá passou, sentia-se tão à vontade como em sua própria pátria. Seu espírito festeiro encontrou uma ressonância perfeita entre os intelectuais, artistas e jovens escritores mexicanos, que juntamente com exilados europeus e amigos espanhóis freqüentavam sua casa e seu escritório, transformando toda reunião em festas e banquetes. Em todas as partes era sempre recebido e acompanhado por calorosas comitivas de admiradores mexicanos. Conta-se que num único batizado conseguiu reunir mais de quinhentos comensais.

Seus passeios aos mercados populares eram indescritíveis viagens de descobrimento, deliciava-se buscando objetos para colecionar. Foi lá que ele reuniu uma famosa coleção de quinze mil exemplares de diferentes caracóis. O México o seduzia de todas as formas: no mistério de suas pirâmides, na beleza de sua arquitetura colonial, na aridez de seus desertos, na solidão de suas montanhas, no encanto de seus mares e no esplendor de seus vulcões. Deixava-se ficar horas inteiras observando pássaros, insetos, borboletas e animais marinhos. Estar ali era como viver num interminável final de semana.

Foi também naquele país que Neruda encontrou os alicerces que o transformariam mais tarde no grande poeta épico dos povos americanos. Aprendeu a amar todos os símbolos da identidade mexicana, suas culturas primitivas, as simbólicas linguagens indígenas, a musicalidade popular e a impetuosa história de resistência ao invasor. Foi o México que lhe provocou a perturbadora sensação de completo desconhecimento da América, a convicção de que debaixo de seus pés existia um universo sepultado e ignoto, a certeza de que ali brotavam as raízes e as origens de todos os povos americanos e de que ali gemia uma terra violentada, um continente que ansiava ser redescoberto. Essa consciência de ser antes de tudo um latino-americano foi para Neruda um longo processo que começou na Espanha e sem dúvida culminou no México, uma conscientização que mudaria para sempre os caminhos de sua poesia e de sua vida.

Por isso, ele sabia antecipadamente que, ao deixar o México, o seu próximo destino obrigatório seria o Peru e a redescoberta da cultura incaica de Cuzco e Machu Picchu. Não poderia voltar ao Chile sem antes conhecer e tocar com suas mãos as pedras e o barro da civilização que conformou e influenciou toda a América do Sul. Dois anos após essa visita aos cumes andinos peruanos, Neruda escreveria aquele que é talvez o texto mais representativo de sua obra poética e política *Alturas de Machu Picchu*, um longo poema sobre a grandeza humana que coroaria uma etapa decisiva em sua vida: seu ingresso no partido comunista, por um lado, e a descoberta definitiva de sua concepção de homem e dever poético, por outro.

Não posso deixar de mencionar que no plano real e prático, a publicação desse poema gerou uma incrível afluência turística a Machu Picchu, valorizou o artesanato local, estimulou a criação de novos caminhos de acesso e de obras importantes que acabaram revitalizando o lugar. Todos queriam conhecer a fortaleza sagrada dos incas e sentir o que o poeta sentiu ao descrevê-la, era o poder transformador da poesia que se revelava de uma maneira curiosa, demonstrando que um escritor pode sim agir sobre a sociedade em que vive.

Em seu segundo retorno ao México, em 1949, o poeta também iria realizar uma nova descoberta. Ali, seu destino seria irremediavelmente ligado ao de uma mulher chilena que ele reencontrou e amou, alguém que permaneceria ao seu lado até o fim de seus dias, aquela que viria a ser sua terceira e última esposa: Matilde Urrutia. A história dessa paixão representaria para o poeta a redescoberta do amor aos quarenta e cinco anos de idade. O crítico Emir Rodríguez Monegal observou sabiamente a importância desse encontro na poesia futura de Neruda, pois, a partir de então, mulher e pátria irão se fundir na imaginação do escritor e se tornar uma mesma voz, um único elemento.¹⁴ Pode-se dizer que metaforicamente o continente americano receberá por esposa uma mulher com raízes populares, a América ganhará uma alma, e para o poeta essa alma se chamará Matilde.

Mas sua primeira estadia entre os mexicanos foi sem dúvida marcada por diversos conflitos. A mesma guerra que dividia o mundo e destruía a Europa produzia no México uma alteração dos sentidos, uma irritação no ânimo de todos, principalmente no temperamento daqueles que defendiam o avanço do fascismo. A provocação de Neruda ao colar poemas nos muros da cidade não ficaria sem resposta: numa agradável tarde de domingo, o poeta e seus amigos conversavam euforicamente num parque de Cuernavaca sobre a guerra e a tirania, quando um grupo de nazistas alemães os atacou repentinamente, agredindo os homens, as mulheres e também uma criança. Neruda foi levado a um hospital com uma ferida de mais de dez centímetros na parte superior da cabeça. A polícia local jamais encontrou os agressores. O escritor recebeu o apoio solidário de centenas de intelectuais e respondeu da mesma forma que sempre fazia: com a acidez e a cólera de suas palavras.

Entre os intelectuais mexicanos, Neruda também provocou tormentas literárias. Rompeu sua amizade com o escritor Octavio Paz e atacou diretamente os poetas daquele país em entrevistas, chamando-os de formalistas, acusando-os de não possuir uma moral cívica e de se dedicar ao cultivo de uma poesia sem vínculos e sem compromissos sociais. Essas opiniões suscitaram um feroz contra-ataque por parte de Octavio Paz, que não deixou sem resposta cada uma das investidas de Neruda. O duelo se acirrou através dos jornais, e o trovador chileno, com toda sua influência, voltou a arremeter com a seguinte declaração: “Toda criação que não esteja ao serviço da liberdade nesses dias de ameaça total, é uma traição. Todo livro deve ser uma bala contra o eixo: toda pintura deve ser propaganda: toda obra científica deve ser um instrumento e uma arma para a

14 RODRÍGUEZ MONEGAL, op. cit., p. 112.

vitória”.¹⁵ Com essas palavras, Neruda dava sua estocada final e estabelecia uma cisão definitiva, dividindo em dois o mundo da poesia: de um lado os nerudistas e de outro os antinerudistas.¹⁶

Ao resultado dessa controvérsia somou-se uma nova agressão política. Enquanto discursava sobre o libertador Simón Bolívar num anfiteatro, Neruda foi interrompido aos gritos por um grupo de simpatizantes do general Franco. O público assistente opôs resistência aos provocadores, e estava armada a guerra, o salão transformou-se rapidamente num novo campo de batalha. Mas felizmente essa segunda agressão não teve maiores conseqüências físicas ao poeta.

Algum tempo depois, voltaria a protagonizar mais um episódio turbulento. Havia falecido no México a mãe do líder comunista brasileiro Luis Carlos Prestes. Como o ativista se encontrava encarcerado no Rio de Janeiro, o governo mexicano solicitou uma autorização ao Brasil para que o filho pudesse assistir aos funerais de sua mãe, mas o pedido foi negado por Getúlio Vargas. Indignado, Neruda leu diante do túmulo de dona Leocádia Felizardo Prestes o poema intitulado *Dura Elegía*.¹⁷ A publicação desses versos pela imprensa mexicana no dia seguinte provocou ásperas reações de protesto na embaixada brasileira. O ultrajado governo do Brasil enviou uma queixa formal ao Chile, e Neruda recebeu novamente uma dura advertência, porém não se retratou. Ao ser entrevistado declarou: “Eu sou um homem que não costuma se retratar dos seus atos, e menos ainda quando se trata de cumprir com minhas obrigações de homem livre”.¹⁸

Esse fato de certa forma precipitou a partida de Neruda. Sentia-se desgostoso e contrariado. Em suas memórias confessou: “Quando decidi regressar a meu país, compreendia menos a vida mexicana do que quando cheguei ao México”.¹⁹ E acrescentou: “Além disso, me dei conta de que o mundo mexicano, reprimido, violento e nacionalista, envolto por sua cortesia pré-colombiana, continuaria tal como era sem minha presença nem meu testemunho”.²⁰ Curiosamente, os amados muros da cidade, que haviam sido cúmplices fiéis de Neruda, participariam também em sua despedida: no dia 23 de agosto de 1943 amanheceram forrados de cartazes que convidavam o povo para uma grande homenagem à altura do poeta. Um grandioso banquete reuniu mais de duas mil pessoas num estádio de futebol. Neruda retribuiu o carinho dos mexicanos

15 Ibid., p. 107.

16 TEITELBOIM, op. cit., p. 264.

17 FIGUEROA DE INSUNZA, Aída; OLIVARES BRIONES, Edmundo. *Mi amigo Pablo*. Santiago do Chile: Grupo Editorial Norma, 2003. p. 130-131.

18 TEITELBOIM, op. cit., p. 269.

19 NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 194.

20 Ibid., p. 194.

dedicando-lhes alguns versos que foram lidos para a multidão. O poema poderia ter se chamado *En los labios de México*, pois era como um beijo de adeus, mas na última hora o poeta mudou-lhe o título, e seu nome não poderia ter sido mais justo, chamou-o de *En los muros de México*.²¹

Permaneceu no Chile até 1948, quando, então, seu país lhe fechou as portas em decorrência de uma implacável perseguição política aos comunistas. Neruda foi obrigado a viver durante mais de um ano na clandestinidade. Ajudado por chilenos de todas as classes sociais, empreendeu uma emocionante e arriscada fuga. Já não lhe restava outra alternativa senão exilar-se numa peregrinação contínua por diversos países. O mundo lá fora ainda tentava se reconstruir e esquecer a perda de milhões de vidas humanas, porém a guerra fria gelava as relações de paz e alimentava o medo de uma destruição global. Em agosto de 1949 Neruda retornou à capital mexicana para participar do Congresso Latino-Americano de Partidários da Paz. Em princípio pensou em ficar uns poucos dias, porém acabou permanecendo dez meses, em parte, porque uma flebite o abateu e teve que esperar sua recuperação. Durante a espera conheceu Matilde, visitou Gabriela Mistral em Veracruz e publicou *Canto General*.

Em sua participação naquele congresso, na qualidade de representante do Conselho Mundial da Paz, Neruda deu livre vazão a um discurso antiexistencialista, no qual pregou os deveres do escritor engajado, do escritor responsável, do poeta que não se refugia na solidão de seus problemas pessoais e não foge da luta real para cantar as amarguras e tragédias do seu próprio ser. Embora suas declarações suscitasse muita polêmica, o que mais assustou a audiência foi o momento em que, num arrebato de paixão revolucionária, condenou à fogueira seus primeiros livros, os que foram escritos antes da Guerra Civil Espanhola e estavam impregnados de fatalismo. Desejava que a partir de então toda poesia fosse útil, contribuísse deliberadamente com a alegria do mundo. Suas palavras, embora vigorosas, caíram no esquecimento e ninguém jamais levou a sério seus preceitos, a não ser ele mesmo. Pouco tempo depois, Neruda se reconciliou com sua poesia da juventude e começou a permitir novamente sua publicação.

À luz de todos esses acontecimentos, é possível dizer, portanto, que o México representou para o poeta chileno uma dicotomia: por um lado foi uma nação-mãe de braços abertos, sempre disposta a acolhê-lo, homenageá-lo e protegê-lo, mas, por outro, foi também uma nação-amante, sedutora e independente, capaz de mantê-lo prisioneiro com seus encantos e em tumultuoso estado de embriaguez. Por isso, ao pisar naquele país, sobrevinham-lhe

21 TEITELBOIM, op. cit., p. 270.

sentimentos inexplicáveis e uma instantânea alteração de espírito: sua coragem aumentava, suas sensações se aguçavam, seu ânimo se exacerbava, seu sangue pulsava com mais violência. Em 1969, quatro anos antes de sua morte, reservou as seguintes palavras para explicar seu contraditório amor pelo México: “Nada do que se passa ali me deixa indiferente. E com frequência me ferem seus pesares, seus erros me perturbam, e compartilho cada uma de suas vitórias”.²² E mais tarde em suas memórias voltaria a dizer: “E não há na América, nem talvez no planeta, país de maior profundidade humana que o México e seus homens”.²³

Uma serenata para o México

Ao cumprir sessenta anos, em 1964, Neruda realizou um balanço de sua história, empreendendo um mergulho virtual em suas raízes, não apenas como uma nova tentativa de compor seu interminável poema cíclico, mas também com o desejo de retornar com as mãos cheias de um renovado amor pela vida. Seu esforço resultou numa publicação em cinco volumes de uma autobiografia em verso intitulada *Memorial de Isla Negra*.

No quarto tomo desse livro dedicou um poema à nação mexicana e chamou-o de *Serenata de México*. Não era a primeira vez que usava denominações musicais para intitular sua produção poética, esses termos sempre estiveram presentes na obra de Neruda. Ao passear pelos títulos de seus poemas, vamos nos deparando com agradáveis nomes de composições melódicas, como, por exemplo: serenata, tango, valsa, canção, sinfonia, madrigal, “cueca”, sonata, hino, balada e barcarola.

O que representa em Neruda esse diálogo com o mundo musical? Sabemos que o poeta ouvia pouca música e, embora possuísse uma indiscutível habilidade com ritmos, preferia quase sempre o silêncio nos momentos criativos. Poderíamos fazer muitas especulações, mas o certo é que o uso desses termos representa muitos ganhos poéticos. Em primeiro lugar, ter como referência uma melodia pode significar para Neruda um ponto de partida, ou seja, uma palavra inspiradora que desencadeia sua criação artística. Em segundo lugar, ao fazer isso, o poeta pode transferir, por assim dizer, o mesmo ritmo ou certas características musicais (como: compasso, repetição, força, leveza, agilidade ou simplicidade) para dentro

22 NERUDA, Pablo. *Para nascer, nasci*. São Paulo: Difel, 1986. p. 111.

23 NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Berfrand Brasil, 2000. p. 182.

da poesia.²⁴ E em terceiro lugar, esse tipo de intertextualidade com a música pode simplesmente estar funcionando como um recurso para atrair o leitor, para aproximá-lo mais de sua poesia, e até mesmo para provocá-lo, através de sensações, emoções, recordações, jogos e ilusões auditivas.

Ao compor sua serenata, Neruda foi desenhando sobre o papel em branco um longo poema com formas ondulantes que remotamente evocam as ondas do mar, as mesmas ondas que ele observava da janela de sua casa enquanto escrevia:

Yo regresé a mi tierra, y acodado
a las ventanas duras del invierno
acecho la insistencia de las olas
del océano frío de Isla Negra²⁵

Para evocar as curvas sinuosas das águas do oceano ele usou uma seqüência de estrofes nas quais foi montando versos de onze, sete, seis, cinco, quatro e até três sílabas, quase sempre partindo do maior para o menor e vice-versa, numa ondulação permanente. Uma leitura atenta e ritmada revela também uma insistente acentuação na sexta e na décima sílabas, o que indica que o poeta partiu de uma metrificação bem definida para logo depois quebrar essas medidas, deixando os versos aparentemente assimétricos, mas mantendo uma cadência melódica que vai repercutir por todo o poema.

A outra parte da beleza de seus versos encontra-se em sua inigualável habilidade de transformar um caos oceânico de palavras em um organizado cosmos poético. Percebe-se isso, com clareza, quando desconstruímos o poema para conhecer melhor os materiais que o compõem. Ao agruparmos as palavras afins vamos reconhecendo, então, várias classes de elementos primitivos que servem para conformar o seu universo.

Em primeiro lugar o poeta-criador reproduz os sons e as sílabas primordiais do mundo a ser reconstruído, introduzindo os ásperos nomes gravados em sua memória (*Cuernavaca, Sinaloa, Chiapas*), em seguida começam a fluir os elementos minerais (*mar, ríos rotos, piedra y fuego, arcilla tempestuosa, tierra germinadora*) e violentamente começam a brotar os elementos vegetais (*pinares, eriales, espinas, hierbas con ojos de amaranto, rosa enemiga*). A partir desse

24 CORTÍNEZ, Carlos. *Lectura de "Madrigal Escrito en Invierno"*. In: SIMPOSIO PABLO NERUDA. Madrid: Las Américas, 1975. p. 104.

25 NERUDA, Pablo. *Memorial de Isla Negra*. Buenos Aires: Losada, 1964. p. 97-104.

momento, entram em cena as primeiras criaturas, os animais começam a dominar as paisagens (*iguanas lentas, serpientes ígneas, abeja incesante, bestias sorprendidas*) e quase simultaneamente os olhos do poeta começam a discernir os elementos produzidos pelas mãos do homem (*techos de teja anaranjada, socavones de mina abandonada, los telares, la agricultura*), para finalmente apresentar o próprio homem e começar a povoar sua poesia de seres humanos (*hombres polvorientos, pequeño mexicano, manos de soldado, el labrador, el invasor amargo*).

Mas esse universo não estaria completo se o criador se esquecesse de nomear os materiais próprios daquela terra, por isso ele vai introduzir paulatinamente os elementos característicos da cultura mexicana, os seus estereótipos, os seus sinais de identidade (*la pólvora en el viento, los sombreros, los ágaves, el jade, los ojos alcohólicos, la vieja ceniza del volcán, el maíz, las mariposas, los huesos de difuntos, los dioses olvidados*).

E à medida que vai recriando o seu universo virtual Neruda apresenta ao leitor um personagem, uma espécie de narrador, um eu lírico que vai dar testemunho de seus passos, de suas aventuras, de seu convívio entre os mexicanos. Esse viajante estático e sem nome, ubíquo e onipotente como um deus, consegue retornar e reconstruir o passado para revelar uma verdade escondida aos homens do presente. Por isso ecoam por todo o poema a nostalgia de seus suspiros (*Oh corazón profundo, Oh México*), a força de suas ações pretéritas (*yo viví, toqué, me sentí, reconocí, me quedé, regresé*), a vastidão do seu testemunho, que se eterniza na suspensão do tempo presente (*aquí tengo, oigo, voy durmiendo, conozco, lo recuerdo, acecho, veo, pienso*) e o poder profético de seus desejos e ordens futuras (*quiero que descendan, desgrana tu racimo, recibe el movimiento*).

Chega o momento, então, em que essa pessoa, essa máscara, esse mensageiro dos deuses, pode denunciar as transgressões dos homens (*viví la alevosía de la vieja crueldad, aquí tengo en mi sien la cicatriz de amarte y conocerte, reconocí derrotas y dolores*) e também pode acusar as misérias do continente americano (*cuando llegó de lejos el invasor amargo, nuestro territorio desangrado, naves hambrientas, emigrantes, la sed del hemisferio, su desamparo*).

Esse narrador de mundos encantados confessa ter sido, no passado, um ser profundamente aflito, fatalista, obscuro e triste que só conseguiu se libertar de suas angústias através da poesia. Para vencer os seus pesares e sua solidão foi preciso cantar: esse é o primeiro ensinamento, o seu primeiro presente para os homens. Ele vai reconhecer que, durante a crise vivida em meio à guerra, o

México foi a terra que lhe preencheu de otimismo e efetuou uma importante transformação em sua personalidade e em sua consciência, por isso diz:

Porque entre
tierra oscura y noche verde
no me sentí agobiado,
a pesar
del infortunio
y de la hora incierta,
no me sentí tal vez por vez primera
padre del llanto
o huésped
de la eterna agonía.
Y la tierra sonora y saturada
me enseñó de una vez a ser terrestre:
reconocí derrotas y dolores:
por vez primera me enseñó la arcilla
terrenal
que cantando
conquista el solitario la alegría.²⁶

Portanto, por saber que o México é um país transformador, esse personagem lírico vai resgatar e cantar as virtudes do povo mexicano, entre as quais destacará a habilidade artesanal de dar vida aos objetos por meio do poder das mãos e das asas da imaginação. É importante observar que o artesanato mexicano realmente provocou em Neruda um fascínio indescritível, que ele recordará inclusive em suas memórias, dizendo: “As mãos do mexicano, como as dos chineses, são incapazes de criar algo feio, seja em pedra, em prata, em barro ou em cravos”.²⁷ Desta forma, ele elabora primeiro em verso um pensamento que será reconstruído mais tarde em prosa:

cuanto el pequeño mexicano toca
con dedos o con alas,
hilo, plata, madera,
cuero, turquesa, barro,

²⁶ Ibid., p. 101.

²⁷ NERUDA, 2000, op. cit., p. 188.

se convierte en corola duradera,
cobra existencia y vuela crepitando.²⁸

Essas mãos reverenciadas, que construíram a nação mexicana, que desenterraram os deuses e os ossos de seus antepassados, que não cessaram de trabalhar, mesmo sob o jugo do invasor, e que edificaram um futuro, são mãos que representam a tríade revolucionária, ou seja, as três bases sobre as quais se apoiou a Revolução Mexicana: o soldado, o camponês e o operário, este último representado pelos trabalhadores manuais (*picapedrero, alfarero, tejedor*). Mas Neruda vai inovar acrescentando a essa trindade outras mãos que considera importantes: as mãos do artista (*el músico*), aquele que constrói a alegria:

A mano levantaron
tu hirsuta geografía,
a manos de hombre oscuro,
a manos de soldado,
de labrador, de músico,
se templó tu estatura
.....
en todas partes
resurgió la mano:
de la vieja ceniza del volcán
la oscura mano pura
renació
construyendo y construyendo.²⁹

O produto dessas mãos será entregue aos mercados, que simbolizam a riqueza de sua gente e de sua cultura, um lugar de criação, de encontros e descobertas. Nos mercados a vida flui, nos mercados os três elementos primordiais do poeta se encontram metaforicamente: o mineral (*los cántaros, el páramo*), o animal (*las mariposas*) e o vegetal (*redondo racimo, florecen páramos*). Nos mercados encontraremos um país verdadeiro, longe dos estereótipos, porque ali os trabalhadores se engrandecem e se dignificam. E como diria mais tarde em suas memórias: “Porque o México está nos mercados,

28 NERUDA, 1964, op. cit., p. 97-98.

29 Ibid., p. 99-100.

não está nas guturais canções dos filmes nem na falsa vulgaridade de bigode e pistola”.³⁰

el alfarero derramó al mercado
el redondo racimo
de los cántaros
y entre las hebras verdes y amarillas
irisó el tejedor sus mariposas,
de tal manera que florecen páramos
con el honor de su mercadería.³¹

Ao mesmo tempo em que vai recordando os encantos do México e relembando o momento em que conheceu as selvas de Chiapas, o personagem é arrebatado por um poder místico. Começa a invocar os deuses, a mãe-matéria, o motor celeste e todos os elementos do mundo natural e a entrar numa espécie de devaneio mediúnico. O poema adquire um tom de salmo, de oração, de sortilégio, para demonstrar o poderoso feitiço da terra mexicana, sua sedução, a alteração de espírito que ela provoca nos homens. Ao acordar desse sonho, renovado de otimismo, o demiurgo está pronto para finalizar seu canto e derramar sua última dádiva sobre os mexicanos. Esse presente não é material, é uma profecia, uma intuição, um sentimento, uma verdade formulada em silêncio, uma mensagem transformadora que o poeta entrega ao leitor para que ela clarifique sua mente e abra seu coração.

Oh, México, recibe
con las alas que volaron
desde el extremo sur, donde termina,
en la blancura, el cuerpo
de la América oscura,
recibe el movimiento
de nuestra identidad que reconoce
su sangre, su maíz, su desamparo,
su estrella desmedida:
somos la misma planta

30 NERUDA, 2000, op. cit., p. 181.

31 NERUDA, 1964, op. cit., p. 100.

y no se tocan
sino nuestras raíces.³²

Do profundo mergulho no oceano da memória, o poeta voltou carregando a pérola de sua descoberta, ou seja: que a América é uma só, e que, embora as nossas culturas sejam diferentes, os nossos povos se irmanam na dor. É esse o segredo que se revela: a mensagem política por uma América livre e unida. É importante observar que a idéia para esses versos finais nasceu entre os mexicanos em 1941, quando, ao discursar para um seletto grupo de estudantes sobre a irmandade entre México e Chile, Neruda declarou: “Mexicanos e chilenos nos encontramos (tão somente) nas raízes e nela devemos nos buscar: na fome e na insatisfação das raízes, na busca do pão e da verdade, nas mesmas necessidades, nas mesmas angústias, sim, na terra, na origem e na luta terrestre nos confundimos com todos os nossos irmãos, com todos os escravos do pão, com todos os pobres do mundo”.³³

E para concluir, gostaria de lembrar mais algumas palavras de Pablo Neruda, desta vez ao se referir a sua famosa coleção de caracóis. Quando já não possuía mais espaço para guardá-la, resolveu fazer sua primeira doação, entregando tudo o que havia colecionado à Universidade do Chile. Ao recontar esse episódio em suas memórias ele diria irônica e tristemente: “Como boa instituição sul-americana, minha universidade recebeu-os com louvores e discursos e sepultou-os no sótão. Nunca mais foram vistos”.³⁴ Acredito que toda a produção literária de Neruda foi, de certo modo, um presente que ele depositou com carinho nas mãos de seus leitores, uma cuidadosa coleção de versos que lhe custou uma vida inteira para criar, por isso, cabe a nós mantê-la viva, compete ao leitor não sepultar sua poesia, não relegá-la ao sótão do esquecimento.

32 Ibid., p. 104.

33 TEITELBOIM, op. cit., p. 262.

34 NERUDA, 2000, op. cit., p. 193.

RESUMO

A primeira parte deste trabalho foi concebida como um estudo biográfico que pretende revelar curiosidades e acontecimentos importantes sobre a vida de Pablo Neruda, analisar as principais características de seu estilo e tecer comentários sobre a evolução de sua obra através dos anos. Num segundo momento, o estudo se detém sobre os fatos e as ações de Neruda durante sua permanência no México e de como essa convivência com os mexicanos influenciou sua conduta e principalmente sua poesia. A última parte contém uma extensa análise literária do poema *Serenata de México*. Por meio dessa análise, o leitor poderá constatar a forma como vida e obra se entrelaçam e se alimentam na poética de Neruda.

Palavras-chave: biografia de Neruda, análise literária, cultura mexicana.

ABSTRACT

The first part of this work was conceived as a biographic study that intends to reveal some curiosities and important events about Pablo Neruda's life as well as to analyse the main characteristics of his style and to make some comments about the evolution of his work through the years. The focus of the second part is on some facts and actions involving Neruda during his stay in Mexico and the way in which his living with the Mexican people influenced his behaviour and especially his poetry. The last part is an extensive literary analysis of the poem *Serenata de México*. This analysis leads the reader to verify how Neruda's way of life and work blend and are nourished in his poetry.

Key-words: Neruda's biography, literary analysis, Mexican culture.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Santiago do Chile: Zigzag, 1967.
- ALONSO, Amado. *Poesía y estilo de Pablo Neruda*. Buenos Aires: Losada, 1940.
- CORTÍNEZ, Carlos. *Lectura de Madrigal Escrito en Invierno*. In: SIMPOSIO PABLO NERUDA. Madrid: Las Américas, 1975.
- FIGUEROA DE INSUNZA, Aída; OLIVARES BRIONES, Edmundo. *Mi amigo Pablo*. Santiago do Chile: Grupo Editorial Norma, 2003.

NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. *Para nascer, nasci*. São Paulo: Difel, 1986.

_____. *Memorial de Isla Negra*. Buenos Aires: Losada, 1964.

REVISTA AMÉRICA LATINA: estudios de científicos soviéticos (6). *Pablo Neruda: poeta y combatiente*. 2. ed. Moscú: Academia de Ciencias Sociales Contemporáneas, 1984.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *El viajero inmóvil*. Introducción a Pablo Neruda. Buenos Aires: Losada, 1966.

TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 2000.

TEITELBOIM, Volodia. *Neruda Íntimo II*. Disponível em: <www.lasegunda.com> Acesso em: 14 nov. 2003. p.10-12.